



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Silva, Francynete Melo e
Uma Análise Behaviorista Radical dos Sonhos
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 13, núm. 3, 2000, pp. 435-449
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18813312>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Uma Análise Behaviorista Radical dos Sonhos

Francynete Melo e Silva ^{1 2 3 4}
Universidade Federal do Pará

Resumo

Embora não haja um consenso acerca de questões sobre o que são os sonhos, porque sonhamos, etc., a maioria dos estudos sobre a natureza dos sonhos concorda que ela está relacionada a condições internas do organismo. Contrariamente a essa visão, a análise behaviorista radical analisa os sonhos como comportamentos privados, sendo produtos das histórias filogenéticas, ontogenéticas e culturais. Neste sentido, este trabalho tem como objetivo analisar os sonhos a partir da perspectiva behaviorista radical, considerando-os como comportamentos perceptuais encobertos, argumentando-se que são aprendidos. Afirma-se que a interpretação dos sonhos é impossível se não se conhecem as contingências de reforço com as quais a pessoa está interagindo.

Palavras-chave: Sonho; behaviorismo radical; comportamento perceptual; condicionamento.

A Radical Behaviorist Analysis of the Dreams

Abstract

In spite of the fact that there is no consensus concerning questions about the nature and origin of dreams, most studies on the nature of the dreams agree that they are related to internal conditions of the organism. Contrary to this notion, the radical behaviorism analyses the dreams as private behaviors and, thus, as products of phylogenetic, ontogenetic and cultural histories. In this sense, this paper aims to analyze the dreams from a radical behaviorist perspective, considering them as private events, perceptual behaviors, and arguing that they are learned processes. It is asserted that dream interpretation is impossible if the contingencies that control such activity are unknown.

Keywords: Dream; radical behaviorism; perceptual behavior; conditioning.

Os sonhos têm sido objeto de inúmeras reflexões e de grande interesse geral, desde filósofos a leigos, tanto quanto a sua natureza como também quanto aos seus significados. Embora não haja um consenso acerca de questões como o que são os sonhos, porque sonhamos, qual a utilidade dos sonhos, entre outras, a maioria dos estudos sobre a natureza dos sonhos ou seus mecanismos subjacentes concorda que eles estão relacionados com condições internas do organismo, sendo vistos como uma atividade psíquica ou mental, ou ainda, neurofisiológica. A começar pelos egípcios, os sonhos eram considerados como parte de um mundo sobrenatural, sendo interpretados como mensagens divinas, tendo este povo, inclusive escrito um

interpretados como sinais divinos. Na Grécia antiga, a interpretação dos sonhos foi uma prática da medicina. A primeira interpretação dos sonhos foi realizada por Heráclito de que os sonhos eram reflexos da mente do sonhador. Segundo a tradição grega, os sonhos eram obra de Morfeu (deus do sono) e Eirênéia (deusa da noite), - deus do sono, que, por sua vez, era filha de Eirênéia, deusa da noite). Aristóteles também interpretava os sonhos de maneira racional, considerando os sonhos ditos proféticos eram apenas coincidências, eram, de fato, uma coleção de imagens mentais. Além disso, adicionalmente, acreditava que os sonhos eram reflexos do corpo da pessoa. Uma dife-

pensadores modernos sobre os sonhos, tem-se a teoria psicanalítica de Freud como uma das mais conhecidas. Para ele, o sonho seria o cumprimento disfarçado de um desejo reprimido, em geral sexual ou hostil. Para que tal desejo se cumprisse nos sonhos, Freud considerava que a mente se valia de diferentes mecanismos para disfarçá-lo (Schulze, 1997).

Hoje, acredita-se que os sonhos fazem parte do ciclo normal do sono, tendo em vista as inúmeras pesquisas realizadas sobre o período de sono REM – *Rapid Eyes Movement* - já que esta fase tem relação com os sonhos. De forma geral, embora ainda hoje não se tenha uma teoria completamente aceitável sobre os sonhos, a proposta de Freud parece ser a mais conhecida e aceita, inclusive por leigos, a despeito dos achados neurofisiológicos. Ainda assim, existem outras formas de se entender os sonhos. Uma delas seria entendê-los como fazendo parte da subjetividade humana, porém sem remetê-los a interioridade do organismo. Esta é a perspectiva do Behaviorismo Radical de Skinner. Este artigo pretende apresentar a maneira pela qual os sonhos são entendidos dentro da análise skinneriana a respeito da subjetividade, fornecendo um embasamento teórico a fim de colaborar para uma melhor compreensão do assunto. Para tanto, descreve-se, de forma sucinta, como os sonhos têm sido tradicionalmente tratados, bem como se expõe a análise behaviorista radical sobre os eventos privados o que fornecerá subsídios teóricos para a discussão sobre os sonhos.

Etimologia, Conceito e Função dos Sonhos

A palavra sonho vem do Latim *somnium* (sonho, ilusão, sonhar com), embora, em Espanhol, a palavra *sueño* derive tanto do Latim *somnium*, quanto de *somnus* (sono, ociosidade). Para distinguir os dois vocabulários, adotou-se a palavra *ensueño* (sonho), a qual deriva do Latim *insomnium* (sonho, visão em sonhos), que, por sua vez, deriva do Grego *enýpnium* (sonho, visão, aparição em

Segundo o *Novo Dicionário de Língua Portuguesa* (1986), sonhos são uma “seqüência de fenômenos, imagens, representações, atos, idéias, que ocorrem involuntariamente, ocorrem durante o sono, a partir de pensamentos de idéias vagas, mais ou menos agradáveis, mais ou menos incoerentes, que se entregam em estado de vigília, geralmente sem relação com a realidade” (p. 1611; grifos nossos).

Em dicionários técnicos, como o *Dicionário de Psicanálise* (Rycroft, 1975), os sonhos são definidos como “atividade *mental* [grifo nosso] que ocorre durante o sono, conceito igualmente encontrado no *Dicionário de Psicologia* (Straton & Hayes, 1994, p. 217). Um pouco mais tarde, o conceito encontrado na *Enciclopédia Médica* (1992), onde os sonhos são considerados como “processo interno que corresponde ao estado paradoxais do sono (...) o sonho é equívoco, psicológico, ao chamado sono rápido, período de concomitância com os movimentos oculares durante o sono...” (p. 10588)

Pode-se observar que o conceito de sonho é apontar, atualmente, por um lado, para atividades inconscientes - impregnado das idéias conscientes, por exemplo, para Hess (1993), os sonhos são uma oportunidade de acesso mais direto à psique da mente, ou seja, como uma chance para o paciente que ele de fato tem uma mente consciente (p.72) - e, por outro, para os achados neurofisiológicos do sono REM, os quais serão descritos posteriormente na seção sobre a filogênese dos sonhos.

A função dos sonhos também tem sido objeto de controvérsia. Crick e Mitchson (1995) e Cardoso (1997), por exemplo, entendem os sonhos como uma espécie de descarga emocional ou como uma função funcionando como meio para que o cérebro evite o excesso de aprendizagens, fazendo com que apenas no cérebro apenas aquelas aprendizagens sejam armazenadas em benefício do próprio organismo. Por outro lado, alguns autores (como

Assim também ocorreria nos sonhos, onde o indivíduo poderia vivenciar seus traumas, fazendo conexões com outras partes da vida de um modo também seguro, pois “no sonho - especialmente no sono REM - o espaço seguro é proporcionado pela inibição muscular muito bem estabelecida, o que evita atividade ou ação...” (Hartmann, 1996, p.13). Por outro lado, Winson (1990, citado por Cardoso, 1997) acredita que os sonhos têm uma função de origem filogenética, importante para a nossa sobrevivência, já que a supressão dos movimentos durante os períodos de sono REM permitiria que o organismo pudesse reprocessar as informações obtidas durante a vigília.

Para Freud (1900, citado por Garcia-Roza, 1993), os sonhos funcionam para que a pessoa possa, disfarçadamente, realizar seus desejos para benefício da sua própria saúde mental. Outra função dos sonhos, para Freud (1900, citado por Lindzey, Hall & Thompson, 1977), seria a de evitar que as pessoas acordassem. Jung (1968, citado por Lindzey e cols., 1977) acreditava que os sonhos serviriam para nos alertar de nossas próprias necessidades, as quais, caso surgissem em sonhos, estariam sendo negligenciadas. Os sonhos, para Jung, seriam mensagens do próprio sonhador, para as quais ele deveria atentar a fim de buscar a satisfação para que pudesse alcançar o desenvolvimento integral de sua personalidade.

Percebe-se, assim, que a função dos sonhos não é clara e depende muito da perspectiva sobre a qual é vista: inicialmente, serviam para fazer curas, adivinhações, eram mensagens divinas; atualmente, em geral, pensa-se nos sonhos como reflexões da realidade; como parte normal dos ciclos do sono ou evidências de um mundo inconsciente.

Eventos Privados

Na análise behaviorista radical, considera-se que os sonhos são apenas comportamentos, mais especificamente, comportamentos privados. Enquanto

“O comportamento se t... primeiro lugar, sua força cai a... uma emissão aberta, tal emiss... variáveis de controle são defici... como se vê pelo fato de que, ... pode surgir em nível aber... simplesmente a mais fácil o... própria no momento.” (p.518)

Em relação aos estímulos... 1993) afirma: “o que é senti... observado não é nenhum mun... da mente ou da vida mental... observador...” (p.19). Ou... internamente são estímulos... interoceptivo e proprioceptiv... seriam, então, considerados... genética e ambiental e seriam, n... alterações fisiológicas; os es... sentidos dessa maneira dev... fisiológico atual, o qual se dese... entre o organismo e o meio a... de milhares de anos. Uma vez... em se afirmar sentimentos e... de comportamento público... descrição mais detalhada acer...

Enquanto condições corpe... seriam objeto de estudo da fi... Comportamento, no entanto, t... parte de um fenômeno psi... analisados quando entram... comportamentos. Ressalta-... behaviorista radical, a explica... deve ser sempre encontrada... indivíduo: “agredimos e ser... mesma razão, e esta razão c... estímulos privados] não pos... (Skinner, 1974/1993, p. 71). I... estímulo privado nunca é au... comportamento. Os estí...

da psicologia, como apontado por Skinner (1945): “o único problema que uma ciência do comportamento pode resolver em conexão com o subjetivismo é no campo verbal...” (p. 294). Através de acompanhamentos públicos (como pancadas, lesões, gemidos) que se correlacionam com as estimulações proprioceptivas e interoceptivas, a comunidade verbal ensina os indivíduos a tatearem seus estímulos privados. Assim, é a comunidade que dá nome ao que estamos sentindo, ou melhor, nos ensina a reagir discriminativamente às condições corporais sentidas em certas circunstâncias. O que ocorre após essa aprendizagem é que o indivíduo pode ficar sob controle apenas desses estímulos privados e pode passar a se comportar discriminativamente com relação aos mesmos. Skinner (1945) afirma que o estímulo privado

“Pode assumir praticamente controle total (...) uma resposta pode ser emitida na presença de um estímulo privado, o qual não tem acompanhamentos públicos, contanto que ela seja, ocasionalmente, reforçada na presença do mesmo estímulo que ocorre durante manifestações públicas.” (p. 274)

Isso significa dizer que a comunidade verbal não apenas instala um repertório autodescritivo de eventos privados, mas também continua a reforçá-lo a fim de garantir sua manutenção, a qual, entretanto, é fundamentada em acompanhamentos públicos. Isso ocorre, por exemplo, quando uma criança está muito quieta, com os olhos fechados e afirma estar com dor de cabeça. Como consequência do relato do estímulo privado e do acompanhamento público, a mãe lhe dá um remédio que faz passar a dor ou, em outro caso, a professora a deixa ir para casa. O estímulo, posteriormente, pode controlar o comportamento da criança de pedir um remédio para dor de cabeça, mesmo sem acompanhamentos.

Enquanto comportamentos privados, os sonhos são entendidos pelos behavioristas como o comportamento de ver, porém, na ausência da coisa vista, ou seja, os sonhos são analisados como um comportamento

análise dos sonhos como um comportamento encoberto, o que fundamentará a discussão sobre a natureza e aprendizagem do conteúdo dos sonhos.

Percepção e o Comportamento de Ver

Segundo Skinner (1974/1993), a palavra perceber refere-se a capturar o mundo. Como não seria possível a percepção do mundo real nesses termos, de acordo com Skinner, denomina de teoria da cópia, a pessoa cria “cópias mentais” do mundo, armazena na memória e, assim, poderia recuperá-las quando necessário. Destarte, segundo os dualistas, adeptos da teoria da cópia, haveria uma discrepância entre o mundo percebido e as experiências. Nesse sentido, o conteúdo da percepção, como também as ilusões, fantasias e alucinações, é um produto do mundo real, mas seria um mundo mental sobre o mundo real.

Não obstante, a teoria de Skinner defende que:

“o objeto é o que é realmente visto. Não está na cabeça (...), mas é o que o perceptor percebe. O comportamento em termos do objeto é uma possivelmente longa história de experiências semelhantes. É apenas a crença curiosa de que há dentro do corpo que leva os psicólogos a falar de cópias com supostas transformações.” (p. 358)

Isso é equivalente a dizer que a percepção é vista como uma ação inicial da pessoa, e não, como os behavioristas, a ação inicial é sempre o estímulo externo e, ressalta-se que “quando se fala em comportamento é controlado pelo ambiente”. Portanto, dizer duas coisas muito diferentes. O autor mantém repertórios de comportamento que serve como ocasião para que o comportamento seja controlado (Skinner, 1989/1991, p. 55).

O comportamento perceptual seria controlado por estímulos discriminativos quanto a presença de reforçadores que estão presentes no ambiente.

tio contava a história de cada selo, cada qual relacionado com diferentes períodos e assim por diante até que meu interesse por selos crescesse e eu próprio comesse a estudá-los e colecioná-los. Da mesma forma, uma pessoa com conhecimento mais aprofundado de inglês pode perceber quando uma tradução está errada ou apreciar uma música em inglês devido à harmonia entre a melodia e a letra, enquanto outra pessoa, sem uma história que lhe propiciasse um maior conhecimento de inglês provavelmente não atentaria para tais estímulos.

Sobre o comportamento de ver, Skinner (1969/1980) afirma que discriminar, discernir, distinguir “são sinônimos de ver como um tipo de comportamento reforçado com respeito a um estímulo” e, mais adiante, “a expressão ‘ver algo’ refere-se a uma grande amplitude de comportamentos gerados por uma grande amplitude de contingências tendo em comum um estímulo particular” (p.360). Em 1989/1991, Skinner reforça esta questão: “ver é comportar-se, é explicável tanto pela seleção natural (...) quanto pelo condicionamento operante (...) ver é apenas parte do comportamento, significa comportar-se até o ponto da ação...” (p.29)

Assim sendo, ver é um comportamento e deve ser analisado a partir da história ambiental do indivíduo, a qual é responsável pelos estímulos que controlam o ver, seja público ou privado. Para Skinner (1969/1980) se uma pessoa não vê o mesmo que você, isso significa que ambos foram expostos a diferentes histórias de condicionamento.

É interessante citar uma observação de Skinner sobre a teoria de que ver é comportar-se a ponto de atuar. De acordo com Skinner (1989/1991),

“o que acontece até esse ponto [atuar] está fora do alcance dos instrumentos e dos métodos do analista do comportamento e precisa ser deixado a cargo do fisiologista. O que resta para o analista são as contingências de reforçamento sob as quais as coisas passam a ser vistas e as contingências verbais sob as quais são descritas.” (p.24)

Percebe-se que Skinner não trata o comportamento

outra pessoa poderia perceber. O que interessa ao behaviorista é o que leva a pessoa a ver. Se alguém levou a pessoa a ver um cachorro, pode ser que ver cães seja um comportamento aprendido porque poderia ter um pai criador criando mantendo um contato com o cachorro. Ou poderia ficar mais receptivo a ver cães com os cães, entre inúmeras possibilidades. Skinner poderia explicar a “tendência” de X e Y a ver cães. O analista do comportamento se preocupa com as funções funcionais entre tais contingências.

Para Tourinho (1997a),

“o que torna o comportamento de ver um comportamento que mesmo em sua forma abstrata não pode ser especificada. Na vida cotidiana, a comunidade observando o comportamento da comunidade ensina alguém a ver o que solicita que o indivíduo do comportamento.”

Ou seja, o comportamento de ver, para nós, behavioristas radicais, é um comportamento privado. O que faz com que o comportamento de ver seja mais complexo é que o comportamento de ver pode ver o estímulo. O comportamento de ver é um comportamento que é controlado por uma variedade de estímulos; inicialmente, a história ambiental do indivíduo a discriminar a presença de um estímulo através de um estímulo apropriado. O indivíduo pode ver mesmo na ausência de um estímulo.

Passa-se, agora, à análise do comportamento perceptual encoberto, ou seja, o comportamento de *ausência da coisa vista*, o qual, não pode ser analisado a partir das histórias de condicionamento operante. Note que a análise do comportamento perceptual encoberto, assim como o comportamento privado, sempre está relacionada com o comportamento verbal, como já descrito anteriormente. O comportamento de ver é tanto uma resposta autodescrita quanto um comportamento perceptual encoberto. O comportamento limitado pelas histórias de con-

tornando a afirmar isso na maioria de suas discussões acerca dos eventos privados, como em 1974/1993: “quando uma pessoa lembra algo que viu alguma vez ou se entrega a fantasias ou sonhos, certamente não está sob controle de um estímulo presente (...) Novamente, devemos voltar-nos para sua história ambiental à procura de uma resposta...” (Skinner, 1974/1993, pp. 72-73).

Nesse contexto, passa-se agora a analisar o papel dos condicionamentos clássico e operante no comportamento perceptual encoberto.

A Visão Respondente

A análise skinneriana sobre a visão respondente diz que o comportamento perceptual encoberto, como o ver na ausência da coisa vista, ocorre devido aos estímulos presentes, os quais evocaram essa resposta de acordo com uma história de condicionamento, onde houve emparelhamento de estímulos. Para Skinner (1953/1989), um estímulo condicionado pode se combinar com estímulos incondicionados e seu efeito seria evocar uma visão condicionada⁶. Por exemplo, minha mãe tem um santana prateado; então há um emparelhamento minha mãe (estímulo condicionado de ordem superior⁷, que, neste caso, funciona como incondicionado) - santana prateado (estímulo condicionado). Quando estou andando na rua e vejo, em meio a um engarrafamento, um carro prateado, parecido com o santana, então eu posso até ver minha mãe, embora não seja. De acordo com Skinner (1953/1989),

“...os estímulos fragmentários [a cor do carro, uma mulher na direção] serviram para evocar a visão condicionada [santana prateado de minha mãe], que se combina com a visão incondicionada do estímulo imediato [carro] (...) Em termos gerais, a visão condicionada explica a tendência que se tem de ver o mundo de acordo com a história prévia...”. (p.257)

Skinner (1953/1989) ressalta, ainda, que a visão condicionada também pode ser evocada por um estímulo que não o usual. Nesse sentido, o estímulo presente deve ter alguma propriedade que se assemelhe com o estímulo

de longe e, ao chegarmos perto, percebe-se quem estávamos pensando. Para Skinner, o estímulo assemelha-se apenas parcialmente ao usual o sujeito poderá dizer que o estímulo é o outro...” (1953/1989, p. 259).

Um fator importante da visão condicionada é a existência de um efeito reforçador nesse contexto, o que aumentaria “a amplitude dos estímulos disponíveis no controle do comportamento” (Skinner, 1953/1989, p. 259). Pode-se, por exemplo, o sorriso da pessoa amada, se esta se encontra quando se conta uma piada aprendida com ela, juntos. O comportamento de contar piadas tende a aumentar em frequência pois está condicionado ao ver o sorriso da namorada, o que é reforçador.

Torna-se oportuno citar que Skinner (1953/1989) salienta dois efeitos do reforçamento: o efeito imediato enquanto sensação corporal relacionada com a denominação de prazer e que está ligado à resposta pela suscetibilidade ao reforçamento futuro, modificando a probabilidade do comportamento aparecer no futuro. De acordo com Skinner (1953/1989), nós devemos

distinguir entre os efeitos *prazer* e *fortalecedores*. Eles ocorrem em diferentes contextos e sentidos como coisas diferentes. Quando estamos contentes, nós não necessariamente sentimos o maior para nos comportarmos da mesma maneira. Quando nós repetimos o comportamento por outro lado, nós não sentimos o efeito de reforçamento. Sentimos naquele momento em que o reforçamento acontece. *Prazer* [pleasing] parece ser a palavra (...) que se refere ao *reforçamento*, mas ela cobre apenas metade do efeito.

Como, em nossa cultura, há uma valorização do *prazer* é sentido - o que, para Skinner (1986), é um prejuízo quanto ao efeito do reforçamento no comportamento -, pode-se esperar que os comportamentos que garantam um efeito prazeroso, mesmo que encoberto, ocorram com maior frequência.

os comportamentos, Kantor (1987) afirma que lidamos com observações de eventos psicológicos. Estes eventos constituem-se de: “(a) um organismo que interage com (b) outros organismos, objetos e eventos sob (c) contextos definidos” (Kantor, 1987, p. 3). Os estímulos (pessoas, objetos, situação) adquirem uma ou mais funções de acordo com a história de interação do organismo com esses estímulos; tal história ocorre sob um determinado contexto, o qual deve ser analisado, uma vez que as respostas podem ocorrer ou não, bem como as funções dos estímulos podem diferir, de acordo com esses contextos específicos. Os intercomportamentos prévios influenciariam então nos intercomportamentos seguintes (Kantor, 1987).

Embora os estímulos possam adquirir diferentes funções, o que é relevante para o presente artigo são os estímulos com função de substitutos. De modo geral, pode-se dizer que toda “lembança” é um estímulo substituto. As palavras que usamos em uma conversa são estímulos substitutos para as coisas às quais se referem. Da mesma forma, quando alguém olha para o calendário e lembra do aniversário da avó, aquele dia X do calendário funciona como substituto, não como estímulo direto - que seria a avó ou a própria comemoração de seu aniversário. Quando há um estímulo substituto, ocorre um comportamento que Kantor (1959, citado por Hayes, 1992) denomina de implícito, o qual pode ser público ou encoberto - para Kantor, os termos seriam aparentes ou inaparentes, respectivamente. Quando o comportamento implícito está encoberto, chama-se a este comportamento de sutil.

Nota-se que a Teoria de Estímulos Substitutos de Kantor parece indicar na mesma direção que a visão condicionada de Skinner. Para Kantor (1922), quando não houver o estímulo que esteve presente no momento em que o indivíduo adquiriu aquele comportamento, explica-se este comportamento de lembrar (segundo Kantor, um comportamento sutil) de acordo com

“obscurecidos” e o que deteriam seriam estímulos atuais que funcionam daqueles da história.

Fundamentando-se na teoria da privacidade, então, pode-se dizer que comportamentos sutis, o qual é um estímulo substituto ou mesmo um organismo com o estímulo. E no entanto, aconteceria livre de o que permitiria muitas diferenças de vista que, na ausência de um contexto, poderiam assumir diversificadas funções. Um exemplo da plasticidade da mente na ausência de um contexto seria o seguinte: ouve um certo barulho. Não se pode pensar que o ar condicionado não funcionou e aconteceu e você já conhecia a função que funciona como um estímulo substituto o mar que você viu quando foi ao litoral, você estava acompanhando amigos e desconhecidos. Então, a mulher pela qual você ficou muito interessado como resultado do barulho do mar, o passeio, a moça e o barco pode ver a moça na sua companhia no barco.

A Visão Operante

Sabe-se que um estímulo condicionado quando houve um reforço pode exercer uma resposta. Porém, este estímulo condicionado como no caso do estímulo condicionado aumenta a probabilidade de resposta novamente na sua presença. Diferente da visão operante, diferente da visão operante, por um estímulo, mas fortalecido. No caso da visão operante, a resposta a este comportamento são o reforço

lo; ou, na ausência de qualquer estímulo, a pessoa pode fechar os olhos, esforçando-se para ver X.

Skinner (1974/1993) afirma, também, que o ver privado pode ocorrer caso o comportamento subsequente seja reforçado, “assim, podemos ver Veneza com a finalidade de ensinar a um amigo como encontrar o caminho que o levará a determinada parte da cidade...” (p.74). Como essa afirmação de Skinner poderia levar algumas pessoas a considerar que o comportamento privado *ver* foi a causa do comportamento subsequente, Skinner (1974/1993) apressou-se em declarar: “uma pessoa é modificada pelas contingências de reforço em que age; ela não armazena contingências (...) Foi simplesmente modificada de tal forma que os estímulos controlam agora tipos particulares de comportamento perceptivo...” (p.74)

Em relação à privação, Skinner (1974/1993) afirma que se pode levar uma pessoa a pensar ou até sonhar com um estímulo se o privarmos deste; mesmo que não haja uma redução real no estado de privação, o comportamento de ver encoberto ainda teria propriedades reforçadoras, isso dependeria do arranjo de contingências feito, pois ao estar privado de um estímulo, a probabilidade da pessoa se comportar em ver X, ou ver estímulos condicionais a este, é aumentada.

Além disso, para Skinner (1953/1989) o ver privado tem certas vantagens. Entre elas, estaria o fato de que esse comportamento não exigiria um comportamento precorrente que gerasse um estímulo externo e, também, porque o ver privado estaria isento de qualquer punição, o que poderia ocorrer se o mesmo comportamento fosse público. Há também o caso em que o comportamento privado pode produzir estímulos discriminativos, os quais podem ser úteis para o comportamento subsequente (público ou privado). Por exemplo, “há instâncias nas quais, particularmente nos sonhos, um escritor primeiro *lê*, um poema ou uma história, e então, a transcreve...” (Skinner, 1953/1989, p.263)

comportamento de ver o objeto do qual se trata, de modo que a frequência de uma resposta que resulta do comportamento é diretamente proporcional ao grau de privação (Skinner, 1974/1993). Sobre isso, Skinner (1974/1993) afirma: “para conhecermos o nível de privação ou estimarmos a probabilidade de podermos prever com maior precisão a ocorrência de um determinado acontecimento e qual o estímulo que o será determinado, podemos observar a frequência com que uma pessoa empenhar-se em comportamentos que são pertinentes...” (p. 46). Por exemplo, se alguém está privado da pessoa que ama, ele poderá apresentar comportamentos como ir a lugares onde ela esteja, ver a pessoa, ver fotografias, falar com amigos, escrever para a pessoa, telefonar para a pessoa e, assim por diante, até que possa chegar a visualizar essa pessoa com os olhos. Todos esses comportamentos podem ser considerados como comportamentos que participam dos sonhos da pessoa.

Em relação à emoção, o que se sente em sonhos são sensações corporais, as quais são indiferenciadas da realidade. Na comunidade verbal estabeleça condições que permitam falar sobre nossos eventos internos. Pode-se concluir que, quando dizemos *hoje* ou *Estou me sentindo ansiosa*, estamos falando sobre condições corporais que têm sido registradas em verbalizações da comunidade verbal e que são comportamentos públicos.

Para Skinner (1953/1989), “podemos aprender a dar uma resposta emocional relembando um evento específico ou simplesmente vendo-o ou ouvindo-o”. Em sonhos, na forma, se em sonhos pode-se ver, então, em sonhos, também se pode sentir. Em sonhos, também se pode sentir privados. Por exemplo, durante o dia, eu vejo um cachorro na rua e, à noite, quando estou dormindo, ouço um barulho, talvez o choro de uma criança, e lembro minha história, sei que a filha do vizinho está chorando, não obstante, quando em sonho, estou ouvindo me o latido do cachorro e, assim, a probabilidade de que eu não só ouvisse o latido, mas que me atacou, mas também fez com que eu me sentisse

foram tocados um contra o outro ao lado de Maury e, de acordo com o seu relato, ele sonhou com sinos repicando e isso o levou a uma cena a que havia presenciado anos antes, quando em um lugarejo onde estava havendo uma festividade religiosa.

Por outro lado, assim como o ver privado, as emoções também podem ser reforçadoras quando envolvem algum tipo de prazer, como já explicado anteriormente com relação aos efeitos do reforçamento. Logo, o comportamento perceptual encoberto relacionado com esse tipo de emoção no sonho pode se tornar mais provável de acontecer. Uma análise feita pela teoria freudiana sobre os sonhos é de que, realmente, se pode satisfazer desejos em sonhos. Sobre isso, pelo menos em parte, concordam Kantor e Skinner. Kantor (1975) afirma que “coisas desejadas ou ansiadas que são inacessíveis ou impossíveis na vida desperta são facilmente obtidas em sonhos...” (p.208), enquanto que, segundo Skinner (1953/1989), “Freud conseguiu demonstrar certas relações plausíveis entre sonhos e variáveis na vida do indivíduo. A presente análise essencialmente concorda com sua interpretação. Os indivíduos estão fortemente inclinados a empenharem-se em comportamentos que alcançam reforços...” (p.281)

Sobre a Dificuldade de se Aceitar a Análise Skinneriana

Talvez o maior problema para a aceitação de uma análise dos sonhos fundamentada na análise de contingências, principalmente com relação ao papel de estímulos discriminativos, condicionados e reforçadores, como o modelo apresentado por Skinner acerca da percepção e do comportamento de ver, se refira ao fato de que a sua análise, em geral, foi feita com relação aos comportamentos (públicos e privados) que ocorrem no estado de vigília, enquanto os sonhos ocorrem quando se está dormindo.

Afirma-se, então, que mesmo em sonhos, quando o

sensorial (...) e gerando uma
exemplo, o movimento do h
pegando uma faca (...) Para Kl
o mesmo tipo de atividade corti
de desempenho (...) Felizme
adormecido morrem a caminh

Sabe-se ainda que o sono R

é a fase do sono em que os o
maior rapidez, sugerindo que
está totalmente inativo. Sob
(1974/1993) descreve: “q
sonhando mais ativamente, m
os lados, como se estive
apresentação visual. (Os m
também parecem mover-se
envolvem percepção auditiva

Cegos de nascença relatam
o comportamento perceptu
frequência, uma vez que nun
de ver algum objeto. Até mes
tornaram cegas, gradualmente
de sonhar com estímulos visu
Uma pesquisa acerca dos rela
cegos congênitos, realizada p
(1982), sugere que pessoas co
embora realmente não relate
visual, seus sonhos envolven
espaciais, o que levou os pes
aqueles indivíduos que possuía
de visão poderiam ver em so
do que eles podiam ver duran
ou vultos por exemplo. Os
narrativa e riqueza dos sonhos
de sonhos visuais. Pode ser c
seus sonhos sejam analisados
da coisa ouvida.

Outra fonte sugerindo que
mesmo em sonhos advém de
Edward Wolpert (1959 cit

na esquerda e finalmente nas pernas. Acordado imediatamente depois¹⁰, o sujeito relatou que sonhara ter levantado um balde com sua mão direita, transferindo-a para a mão esquerda e então começado a andar” (p. 2)

O Modelo de Seleção pelas Conseqüências e os Sonhos

A partir da explanação feita anteriormente, alguém poderia perguntar: então, nós aprendemos a sonhar? Bem, já que o sonho é considerado comportamento, a única conclusão plausível é que sim, nós aprendemos a sonhar. Ressalta-se, contudo, que ao falar sobre aprendizagem dos sonhos, refere-se, especificamente, ao seu conteúdo. O comportamento de sonhar é, presumivelmente, um comportamento selecionado com o processo evolucionário das espécies. Embora essa afirmação possa parecer difícil de se aceitar, pode-se citar algumas hipóteses que a sustentam, principalmente no que diz respeito ao modelo de seleção por conseqüências de Skinner.

Filogênese

A despeito de que as condições ambientais que permitiram com que o comportamento de sonhar fosse adquirido, provavelmente, tenham sido diferentes das atuais, pode-se supor que, se esse comportamento ainda se mantém, é porque deve ter alguma função para a sobrevivência de nossa espécie, pois é exatamente a filogênese que permite que o organismo interaja de forma eficiente com o meio.

Para Andery (1997):

“Dizer, portanto, que a evolução seleciona características dos indivíduos de uma espécie significa dizer que ela atua também sobre padrões de comportamento e modos de operação destes padrões (...) que, uma vez selecionados, dotam os membros de uma espécie de repertórios comportamentais que lhes permitem comportar-se no mundo...” (p. 201-202)

A maior parte da pesquisa com relação à necessidade dos sonhos tem sido realizada no âmbito das

fundamentará basicamente nos achados sobre o sono REM.

Como tem sido verificado que durante a atividade muscular é praticamente inexistente (Cartwright (1999) sugerem que o sono devido à necessidade de que os homens caçadores, ficassem imóveis durante assim o ataque de predadores. Segundo esta evolução, os homens tornaram-se menos vulneráveis aos predadores. De fato, foi relatado que indivíduos vulneráveis tendem a dormir menos (Alford, 1976, citados por Cardoso, 1997) e a recuperação extremamente leve, com pouca evidência (Jouvet, 1967).

Pode ser também que os sonhos tenham alguma função de algum tipo de necessidade bioquímica de recuperação periódica, haja vista que, durante a vigília, o organismo em constante atividade, enquanto que durante o sono REM a atividade cerebral é muito escassa. Durante o sono REM o cérebro apresenta uma atividade que indicam uma atividade muito parecida com a atividade durante o sono REM, como um aumento do fluxo sanguíneo, consumo de oxigênio e intensa liberação de neurotransmissores. Outra indicação de que o sono REM tem advindo de pesquisas sobre a privação de sono REM, onde se verificou que após longos períodos de privação de sono REM os indivíduos tendem a apresentar uma quantidade de sono REM do que o normal. Kelly (1997, citado por Cardoso, 1997) chamou a esse processo de Compensatório Ativo para a Recuperação do Sono Perdido, como também tem sido chamado de *rebound* (Webb & Cartwright, 1977, cols., 1977). Esta recuperação pode depender de quão privados de sono REM os indivíduos tenham ficado.

Adicionalmente às pesquisas sobre a necessidade de sono REM encontra-se frequentemente que, na ausência de sono REM, os indivíduos

suscetibilidade ao reforçamento e, assim, ampliar o seu repertório para além das respostas filogeneticamente preparadas (Andery, 1997). Este tipo de comportamento, no qual membros individuais comportam-se de acordo com as conseqüências importantes para si durante a sua vida, é estudado de acordo com o segundo nível de seleção por conseqüências.

Já foi dito que se uma resposta é reforçada na presença de um estímulo, este pode adquirir controle sobre o comportamento. Assim, as discriminações que os indivíduos fazem acerca das circunstâncias em que ocorrem certas conseqüências a seu comportamento, possibilita-os agir diferencialmente no mundo. Estas atuações, reforçadas diferencialmente durante a vida de uma pessoa, são produtos da ontogênese, permitindo uma interação mais efetiva com o ambiente atual (Skinner, 1953/1989).

Tomando-se esse raciocínio, pode-se afirmar que as pessoas só sonham com aquilo que lhes é conhecido, ou melhor, só sonham com aquelas partes do mundo às quais reagem discriminativamente. Logo, aprende-se a sonhar no sentido de que só vemos o que vemos de acordo com as contingências de reforçamento que fazem parte da nossa história ontogenética. Por exemplo, sabe-se que os esquimós podem diferenciar entre dezenas de tipo de neve e, embora possamos sonhar com a neve, dificilmente poderíamos identificar com que tipo de neve estamos sonhando, pois não tivemos um treino discriminativo com relação a esse estímulo ou, melhor, às suas propriedades. Da mesma forma, uma pessoa que nunca esteve em uma praia antes, dificilmente seria capaz de ouvir o barulho das ondas ou sentir a brisa do mar em sonhos.

Nos casos, por exemplo, em que os sonhos podem servir como estímulos discriminativos para o comportamento subsequente, como descrito anteriormente em que um escritor primeiro lê um poema em sonhos para depois escrevê-lo, um exemplo

difícilmente pensaria “*ab, então benzina!*”. Pimentel-Souza e co. sobre esse aspecto dos sonhos, afirmam que “um evento que não ocorre na realidade é vivenciado durante o sonho” (p.1) e “o comportamento, que, por sua vez, é o sonho.” (p.1)

Cultura

Antes de falarmos sobre a cultura em nossos sonhos, faz-se necessário falar sobre o nível de variação e seleção: cultura é a ser ressaltado diz respeito à cultura cultural atua através do condicionamento; obstando, o condicionamento operante às contingências que controlam o comportamento do indivíduo em particular, mas também atuam sobre um grupo de pessoas pelas práticas culturais. Ou seja, a seleção por conseqüências é um processo comportamental; o condicionamento operante, por sua vez, é específico, ou seja, as sociedades

De acordo com Skinner (1953/1989), as práticas culturais começam com um indivíduo tentando solucionar um problema ou com as quais se provaram importantes para o grupo. As conseqüências reforçam, então, sobre o grupo e não sobre o indivíduo em particular. Assim, tais práticas são transmitidas às gerações seguintes fazendo com que a prática cultural e a própria cultura sejam reforçadas pelo reforço social entre os membros do grupo.

Existem na literatura algumas discussões sobre o conteúdo dos sonhos como produto social. Entre os investigadores, os sonhos eram considerados como

e, de alguma forma, também devido à contiguidade entre tais mensagens e os eventos subsequentes contidos nos sonhos. Por outro lado, não deveria ser raro que os próprios membros, na presença de algum problema, tentassem resolvê-lo e, assim pudessem ver encobertamente, nos sonhos, a solução para o problema. Embora, para tais índios, esse sonho fosse interpretado enquanto mensagens espirituais, pode-se sugerir que fizeram parte do processo de resolução de problemas, talvez, enquanto respostas precorrentes, as quais serviram como estímulo discriminativo para o comportamento público subsequente (Skinner, 1969/1980). Também, nesse contexto, deveria ser levado em consideração a longa história de resolução de problemas que esse grupo poderia ter; logo, a experiência obtida com situações anteriores também poderiam facilitar a resolução de problemas parecidos em outros contextos (Baum, 1999).

Segundo Pimentel-Souza e colaboradores (2000), na Malásia, os senoi têm uma cultura muito voltada para os sonhos. É prática nesse grupo fazer com que seus membros possam controlar seus sonhos a fim de desenvolver um equilíbrio emocional. Para os senoi, existem, pelo menos, três regras básicas para os sonhos: (a) deve-se enfrentar o perigo e vencer o medo; (b) deve-se permitir atingir o prazer total, seja com quem for o sonho; e (c) deve-se sempre alcançar um resultado positivo nos sonhos, mesmo que isso envolva um esforço para reverter uma situação aversiva. Outra prática entre os senoi é a relação que fazem entre os sonhos e a vida real: se a pessoa sonha consigo mesma agindo agressivamente com outros, então ela deveria avaliar seu modo de interação com os demais e, se for o caso, modificar seu comportamento; se sonha com outra pessoa lhe agredindo, então deveria conversar com o agressor para que não haja desentendimentos no grupo e assim por diante. A maneira com que os senoi lidam com os sonhos têm sido avaliada como produzindo maturidade emocional e social ao grupo. Pode-se inferir

Nossa cultura não tem o que se chama de sonho. (Souza e col., 2000) de um “sonho para a vida”. No entanto, a prática de um grupo social também participar no controle do conteúdo dos sonhos. Por exemplo, uma pessoa que foi submetida a uma educação religiosa, mas não tem sido comprometida com a igreja pode sonhar com a igreja e mandá-la ir à igreja. Ao relatar o sonho, o grupo, por exemplo, esta pode encaminhá-la para a igreja. Fazendo isso, o sonhador pode ter seu sonho reforçado pela mãe e a própria pessoa pode sentir-se aliviada” por tê-lo feito. Isto dificilmente ocorreria com alguém que não acreditasse em Deus, ou que não tivesse sido exposto a contingências de reforço com relação à religião.

Considerações Finais

A partir das análises aqui descritas, pode-se afirmar que a interpretação de um sonho é impossível sem o conhecimento da história da pessoa e, mais especificamente, se não houve contingências de reforço com as quais ela sonhou.

Disso, segue-se que os famosos ditados populares não podem responder pela singularidade dos sonhos, pois um símbolo significaria a mesma coisa para todos os sonhos, a despeito do sonhador. A interpretação de sonhos baseada em símbolos populares, porém, acredita-se que esses símbolos não têm em consideração, nem as diferenças individuais, nem as diferenças culturais entre as pessoas. Das teorias baseadas em símbolos, como a de Jung (Lindzey e cols., 1977), acredita-se que os símbolos têm um significado, mas sim que o significado varia de interpretações que diferem de acordo com a abordagem teórica ou filosófica do pesquisador. Enquanto um psicanalista vai interpretar o sonho, por exemplo, constituído de natureza simbólica, o pesquisador que estuda o

Não obstante, como a comunidade verbal não tem um acesso direto aos eventos privados, nem sempre se pode ter certeza da precisão das descrições sobre esses eventos. Outra questão é “se as palavras usadas para descrever o comportamento encoberto são as palavras adquiridas por ocasião do comportamento público” (Skinner, 1974/1993, p. 28), pode-se dizer também que as razões que a comunidade fornece para nossos comportamentos públicos também tendem a ser as mesmas razões que damos ao nosso comportamento encoberto. Em geral, como nossa comunidade é internalista, as razões que fornecemos para nosso comportamento são descrições de sentimentos, como por exemplo, a resposta à pergunta “*por que você está chorando?*” pode ser simplesmente “*porque estou deprimida*” e, para a maior parte das pessoas essa resposta basta, como diz Skinner (1974/1993) “as explicações do comportamento variam de acordo com os tipos de respostas aceitas pela comunidade verbal” (p. 30). Se a pergunta “*por que você está chorando?*” fosse formulada por um behaviorista radical, a resposta “depressão” como causa não seria aceita; provavelmente ele perguntaria algo como “*mas o que aconteceu; qual foi o problema?*” e assim por diante até que a resposta fosse remetida às condições ambientais externas ao organismo.

Nesse sentido, embora o próprio indivíduo seja a pessoa, digamos, mais capaz de conhecer sua história e, assim, analisar as condições que os levaram a se comportar de determinada maneira, pela análise aqui exposta, considera-se que um analista do comportamento esteja melhor preparado para interpretar o relato dos comportamentos (públicos ou privados e, neste caso, os sonhos), uma vez que poderá determinar qual o contexto em que o comportamento aconteceu através da análise das relações funcionais observadas a partir das descrições da pessoa e pelo conhecimento prévio da história de reforçamento da mesma. É nesse contexto que os sonhos podem se relacionar com o auto-conhecimento, ou seja,

as contingências que controla para que o indivíduo possa gerenciar de seus problemas possa interagir de forma m ambiente físico e social.

Ao final de toda esta análise resumir a posição behaviorista

- Para Skinner (1974/1993) são comportamentos encobertos (vista), sendo estudados, então,

- Dizer que os sonhos são p dizer que os mesmos são p condicionamento respond desenvolveram a partir de tr seleção e variação que respon comportamento: filogênese, c

- Para entender os sonhos, skinnerianas sobre os compo especificamente, o ver;

- O comportamento de v controle de estímulos. As hist respondente e operante respon de ver tanto na presença quanto

- Pode-se dizer que aqui produto de estímulos condic reforçadores que estão prese da pessoa. Além disso, Skinner valoriza, sobremaneira, o papel no comportamento de sonha

- A natureza dos sonhos conteúdo é defendida com ba filogenética, ontogenética e cu

- A interpretação dos con como a análise entre as circun ocorreu são, praticamente conhecimento da história d especificamente, se não se con reforço com as quais ela está

exemplo, uma pesquisa inter-cultural, ou entre diferentes práticas culturais a fim de avaliar se existem diferenças no conteúdo dos sonhos dos participantes e se este conteúdo está relacionado com a história de vida dos mesmos, levando-se em consideração o contexto cultural em que essas pessoas estão inseridas.

Poder-se-ia também verificar populações que tenham passado por mudanças significativas na vida, como separação, nascimento de filhos, ou mesmo, experienciado situações traumáticas. Conhecendo o conteúdo dos sonhos dessas pessoas no momento atual, poder-se-ia verificar diferenças no seu conteúdo antes e após tais experiências. Um outro modo de se verificar a plausibilidade da análise comportamental dos sonhos fundamentada na história de vida dos indivíduos e comprovar ou não se estes sonhos estão relacionados a estímulos discriminativos, condicionados ou reforçadores poderia ser a realização de pesquisas longitudinais, o que permitiria verificar o desenvolvimento do conteúdo dos sonhos e sua relação com os eventos da história de vida da pessoa. É provável, no entanto, que um estudo longitudinal sobre os sonhos possa interferir no modo como os participantes lidam com os sonhos, haja vista que deveriam relatá-los constantemente. Nesse sentido, talvez, a análise dos sonhos realizada pelos pesquisadores não deva ser descrita, pelo menos inicialmente, aos participantes a fim de garantir um mínimo de controle sobre as variáveis que podem influenciar no relato dos sonhos.

De qualquer maneira, o que se quer enfatizar é que, de acordo com a Análise do Comportamento, toda teoria deveria ser acompanhada por uma base empírica que lhe fundamentasse. Essa é uma vantagem da Ciência do Comportamento e deveria ser o objetivo de todos aqueles que se fundamentam na filosofia da ciência de Skinner, haja vista que os propósitos de uma ciência do comportamento são a predição e o controle do comportamento, os quais são atingidos através das

os sonhos não devem ser encarados como meros reflexos, e, muito menos, um substrato mental a ser analisado como produto das histórias de vida. A seleção que ocorrem nos níveis ontogenético e cultural.

Referências

- Alencar, E. (1995). *Psicologia: Introdução aos princípios básicos* (10ª Edição). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes (Original publicado em 1976).
- Andery, M. (1997). O modelo de seleção por consciência. Em R. Banaco (Org.), *Sobre comportamento*. São Paulo: ARBytes.
- Baum, W. (1999). *Compreender o behaviorismo: Ciência, comportamento e aplicação*. Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 1976).
- Cardoso, S. (1997). *Sonhos*. Retirado em 02.06.1998 no [epub.org.br/cm/n02/mente/sonhos1/htm](http://www.epub.org.br/cm/n02/mente/sonhos1/htm).
- Crowther, J. (Org.). (1998). *Oxford advanced learner's dictionary*. University Press.
- Enciclopédia Mirador Internacional. (1992). Sonhos. (10590). São Paulo-Rio de Janeiro: Encyclopædia Britannica.
- Foulkes, H. & Cartwright, R. (1999). Sleep. Em *Enciclopédia Mirador Internacional*. [online]. Retirado em 03.01.2000 no World Wide Web: [bcom/eb/articles](http://www.bcom/eb/articles).
- Ferreira, A. (1986). *Novo dicionário da língua portuguesa*. Fronteira.
- Garcia-Roza, L. (1993). *Freud e o inconsciente* (8ª Ed.). Zahar. (Original publicado em 1988).
- Hartmann, E. (1996). Outline for a theory on the nature of dreaming. Em *Dreaming*, 6(2). Retirado em 20.04.1998 no World Wide Web: asdrems.org/journal/articles/hartmann.html.
- Hayes, L. (1992). Thinking. Em S. Hayes & L. Hayes (Orgs.), *Verbal relations* (pp.149-164). Reno: Context Press.
- Hess, N. (1993). Alguns problemas técnicos no tratamento dos sonhos. Em A. Rangel, Trad.). *Psicoterapia e Interação*, 1, 71-84. Retirado em 1990).
- Jouvet, M. (1967). The states of sleep. Em *Scientific American*, 216, 100-105. Retirado em 20.04.1998 no World Wide Web: [002209676780007](http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S002209676780007).
- Kantor, J. (1922). Memory: A triphase objective action. *Psychological Review*, 19, 624-639.
- Kantor, J. (1975). Implicit Interbehavior. Em J. Kantor & J. R. D. (Orgs.), *The science of psychology: An interbehavioral survey* (pp. 1-10). Principia Press.
- Kantor, J. (1987). What qualifies interbehavioral psychology? Em J. R. D. (Org.), *The science of psychology: An interbehavioral survey* (pp. 1-10). Principia Press.

- Pimentel-Souza, F., Ballalai, A., Motta, C., Souza, E., da Silva, J., Lima, L., Guatimusin, P. & Bastos, R. (2000). Sono, destacando o sonho, o ritmo biológico e a insônia. *Revista de Psicofisiologia*, 2(1). Retirado em 17.03.2000 no World Wide Web: icb.ufmg.br/lpf/revista/monografia9/Monografia-sobre-o-sono.html.
- Punamäki, R. (1999). The relationship of dream content and changes in daytime mood in traumatized vs. non-traumatized children. Em *Dreaming*, 9(4). Retirado em 15.01.2000 no World Wide Web: asdreams.org/journal/articles/punamamaki9-4.htm
- Rycroft, C. (1975). *Dicionário crítico de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Santos, T. (1957). *Psicologia dos sonhos: Gênese, natureza e função dos processos oníricos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Schulze, B. (1997). *Dreams and dreaming*. Retirado em 04.05.1999 no World Wide Web: <http://library.advanced.org/11189/gather/infintro.htm>.
- Skinner, B. (1945). The operational analysis of psychological terms. *Psychological Review*, 52, 270-272/291-294.
- Skinner, B. (1972). *Tecnologia de ensino* (R. Azzi, Trad.) (4ª ed.). São Paulo: Herder/EPU. (Original publicado em 1968)
- Skinner, B. (1978). *O comportamento verbal*. São Paulo: Cultrix. (Original publicado em 1957)
- Skinner, B. (1980). Contingências do reforço (R. M. Moreno, Trad.). Em *Coleção Os Pensadores*, Pavlov/Skinner. São Paulo: Abril. (Original publicado em 1969)
- Skinner, B. (1984). Selection by consequences. *Behavioral and Brain Sciences*, 7, 477-481. (Original publicado em 1981)
- Skinner, B. (1987). What is wrong with daily life in the western world? Em B. Skinner (Org.), *Upon further reflection* (pp. 51-31). Englewood Cliffs: Prentice Hall. (Original publicado em 1986)
- Skinner, B. (1989). *Ciência e comportamento* (Trad.). (7ª ed.). São Paulo: Martinus Nijhoff. (Original publicado em 1953)
- Skinner, B. (1990). Can psychology be a *gest*, 45(11), 1206-1210.
- Skinner, B. (1991). *Questões recentes na análise do comportamento* (Original publicado em 1989)
- Skinner, B. (1993). *Sobre o behaviorismo* (Trad.). São Paulo: Cultrix. (Original publicado em 1953)
- Straton, P. & Hayes, N. (1994). *Dicionário de psicologia*. São Paulo: Pioneira. (Original publicado em 1953)
- Tourinho, E. (1997a). O conceito de comportamento de B. F. Skinner. Em R. Tourinho (Org.), *Comportamento e cognição* (pp. 267-271). São Paulo: Annablume.
- Tourinho, E. (1997b, Setembro). *Consequências do behaviorismo radical*. Trabalho apresentado no VI Encontro Nacional de Psicoterapia e Medicina Comportamental.
- Webb, W. & Cartwright, R. (1999). *Dreaming*. Retirado em 03.01.2000 no World Wide Web: [bcom/eb/articles](http://www.bcom/eb/articles).

Sobre a autora:

Francinete Melo e Silva é Psicóloga, com Formação em Psicólogo, Licenciatura Plena e Bacharelado em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Atualmente é Mestranda do Curso de Mestrado em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento do Laboratório de Psicologia Experimental, pela UFPA e Bolsista da CAPES (MCT).

NEPF

Núcleo de Estudos em Psicologia Fenomenológica

**Pelo avanço e difusão de instrumental metodológico de
linhagem fenomenológica na pesquisa em psicologia.**

Prof. William B. Gomes
Curso de Pós-Graduação em Psicologia
Instituto de Psicologia
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Rua Ramiro Barcelos 2600
90035.003 Porto Alegre -RS
Fax.: 0xx 51 330 4797
E-mail: gomesw@vortex.ufrgs.br

Visite nossa H